

Entrevista | Valter Jeronymo

Administrador

Os escritores sofrem com a nova ortografia

Valter Jeronymo comenta o mercado editorial no Estado e porque resolveu se arricar na carreira

Lais Camargo

Fugindo da idéia de que somente os grandes centros são locais de oportunidades para as artes, o proprietário da Life Editora fala sobre como Mato Grosso do Sul tem uma produção literária intensa e de qualidade. Com várias novidades para 2013, uma delas é um acordo de selo

editorial internacional chamado New Words, em que os autores poderão publicar os seus livros em qualquer país da Europa. Jeronymo fala sobre o cenário de livros digitais e físicos, ponderando sobre um novo mercado e concorda com o escritor Ziraldo, ao acreditar que formar novos leitores crianças garante eternos adultos leitores.

Aos 42 anos, formado em Administração, Jeronymo fala

de como os novos autores têm crescido, inclusive os de profissões inusitadas como policiais e caminhoneiros. O perfil mais comum dos autores transita entre historiadores e professores. Além disso, uma nova tendência no mercado literário é a impressão de pequenas tiragens, 50 ou cem livros, apenas para distribuir entre amigos. Conheça mais sobre o que está por trás de um livro publicado:

O Estado - Com o que você trabalhava antes de fundar a Life Editora?

Valter Jeronymo - Eu sou do interior do estado de São Paulo, trabalhava numa multinacional no ramo editorial. Só que ela só fazia impressão e acabamento. Tive um convite para vir a Campo Grande para abrir o mercado. Eu nem conhecia a cidade, não tinha parente, não conhecia ninguém. Eles pagaram uma viagem para mim e minha mulher virmos conhecer Campo Grande, ficamos três ou quatro dias e adoramos a cidade. Vim para cá em fevereiro de 2004. Fiquei um tempo visitando o pessoal da ASL (Academia Sul-matogrossense de Letras), os autores, quem produzia.

O Estado - O que te fez ficar aqui?

Valter Jeronymo - Primeiro fiz uma pesquisa de mercado, para ver o que era produzido. Vi que a qualidade do que era produzido em termos de texto era muito boa e tinha muitos autores. Percebi que faltava qualidade na impressão e acabamento. A maioria dos livros era grampeado e tinham uma capa colada em cima. Isso não existe para o mercado editorial, que ou o livro é costurado ou é colado. Um livro costurado, podem passar 80 anos, e ele está intacto, não solta folhas. O pessoal fazia o livro com gráfica, e não com editora. Faltava alguém que fizesse diagramação de capa, revisão. Como eu já tinha feito muitos cursos por essa multinacional, me senti seguro e com espaço para abrir uma editora.

O Estado - Quais outros problemas encontrou?

Valter Jeronymo - A maioria dos livros daqui, não tinha ISBN (Número Padrão Internacional de Livro), nem ficha catalográfica. Pela lei do livro, ele não é considerado livro sem isso. Essa parte de registro, não tinha quem fizesse. Então fui trabalhando paralelamente na multinacional e na editora, mas chegou um momento em que tive que me desligar da empresa para poder investir na editora, isso em 2008.

O Estado - O que mudou no mercado editorial de Mato Grosso do Sul de lá para cá?

Valter Jeronymo - O que percebi é uma grande quantidade de publicação. É um Estado rico mesmo. Tem muitos autores, muita gente boa. Toda semana tem gente me procurando, principalmente novos autores. Tem muitos autores que já estão lá pelo oitavo livro, mas muitos ainda estão começando.

O Estado - E qual é o perfil dessas pessoas que estão começando?

Valter Jeronymo - Desde estudantes até pessoas de idade. Faz duas semanas que entreguei os livros de um senhor de 76 anos. É o primeiro livro da vida dele, um sonho que ele tinha. Escreveu mais de 600 páginas, mas fez poucos exemplares, para a família, amigos. Uma outra senhora que fiz o livro, já tem mais de 80 anos, está na terceira



Diogo Gonçalves

O administrador Valter Jeronymo acredita que o essencial é incentivar a leitura entre as crianças, para que novos admiradores da literatura sejam criados

edição e bastante firme. Nesse meio tem também os autores consagrados, da academia de Letras, da UBE (União Brasileira de Escritores). O que mais aparece é poesia, mas tem crescido muito romance, contos, crônicas e livros históricos, falando sobre a história de Campo Grande e fatos específicos.

O Estado - Essas publicações dependem muito de fundos como Fmic (Fundo Municipal de Investimentos Culturais) e FIC (Fundo de Investimentos Culturais)?

Valter Jeronymo - Aí entra uma grande novidade no mercado. De uns tempos para cá temos as pequenas tiragens, ou micro tiragens. Antigamente não tinha como fazer isso, quando ia lançar um livro no mínimo tinha que fazer mil exemplares, para ter um bom retorno. Hoje não, se quisermos fazer 50 ou 100, se faz com a mesma qualidade de cinco ou dez mil exemplares. Esse mercado tem facilitado muito para os independentes. Mas o FIC e o FMIC têm um papel importante. Vim de São Paulo, todos falam que é um estado rico, mas não tem na minha cidade algum incentivo desse gênero. Falamos em um

estado rico, mas não tem um fundo de investimento. Isso ajuda principalmente quem faz livros históricos, que têm um custo muito alto por conta das cores, da capa dura. Por isso é importante esse impulso que FIC e FMIC dão.

O Estado - Já existe um mercado consumidor para absorver esse fluxo de produção?

Valter Jeronymo - Aí entra a diferença de se fazer um livro com uma gráfica e com uma editora. A editora vai ajudar o autor a fazer a distribuição desses livros vai colocar nas livrarias. Temos distribuidor em São Paulo, em Minas Gerais. Isso também é importante, não adianta ter um livro excelente e ele ficar limitado ao Estado.

O Estado - Qual o grande desafio das editoras hoje?

Valter Jeronymo - Estamos em um momento de aprender como trabalhar com a questão digital. Fui a alguns encontros de editoras nacionais e o consenso é que as duas coisas vão trabalhar paralelamente - o livro físico e o digital. Um mercado não vai substituir o outro. Percebemos que o leitor do

livro digital não comprava ou não compra o livro físico e o leitor do físico não compra o digital. Então sempre aconselho os autores a fazerem os dois, porque você ganha um público novo. No começo do ano estamos nos prepara-

e-books por quase R\$ 30 no Brasil. Não tem nexa isso. Determinamos que nossos e-books não vão passar de R\$ 9,90. Porque tem que ser mais barato.

O Estado - Tem esse contraponto de aumentar o número de escritores, mas os leitores estão acompanhando?

Valter Jeronymo - O que eu tenho percebido é que tem aumentado o número de leitores. Fiz alguns trabalhos com o grupo Votorantim, que tem investido muito para aumentar o número de leitores nas escolas. Eles partilham da mesma idéia que eu, que se a pessoa for um leitor desde criança ou criar um hábito de ler, ele vai ser um leitor para a vida toda. Isso muda a vida da pessoa. Estava em Ribas do Rio Pardo com o pessoal da Votorantim e chegamos a essa conclusão, não adianta preparar planos tão meticulosos e mirabolantes na parte didática, se não incentivar a ler. É o que o Ziraldo fala, faça com que a criança seja um leitor, porque o resto vem naturalmente, vai ter bom vocabulário, boa redação, vai saber trabalhar as idéias. Isso abre um leque

muito amplo.

O Estado - Quantos lançamentos faz mensalmente?

Valter Jeronymo - Temos duas vertentes, um mercado aqui e uma grande parte fora do Estado, principalmente com estas micros e pequenas tiragens. Temos livros publicados em todos os estados, ontem fechamos um de Roraima. Já fizemos para o Acre, Amazonas. São pessoas que chegaram até nós pela internet, nunca os vi pessoalmente, e talvez nunca vou vê-los. Temos uma média em Mato Grosso do Sul de dois ou três lançamentos por mês. Fora do Estado o fluxo é maior. Na minha cidade natal Piracicaba, 140 km da Capital de São Paulo, tem um ou dois lançamentos por mês, com 400 mil habitantes. Estamos passando do fluxo de lançamento de uma cidade média de São Paulo, tem meses que Campo Grande tem quatro ou cinco lançamentos.

O Estado - Qual a maior dificuldade dos escritores hoje?

Valter Jeronymo - O que tenho percebido é a questão da gramática, da revisão do livro. O restante, a parte legal, tudo, a editora se encarrega. Mas geralmente a pessoa chega preocupada com a revisão e com a nova ortografia. Os escritores sofrem com isso. Tem uma resistência também, porque acostumaram a escrever daquela forma. Tanto que o prazo para aplicação do acordo seria 2012, mas já estão votando para aumentar para 2016. Além de fazer uma reunião com os outros países lusófonos, porque a resistência não tem sido só aqui.

O Estado - Tem outra área bastante acadêmica que está em alta não é?

Valter Jeronymo - Temos trabalhado muito os TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso). O pessoal está com o livro pronto, publicam pequenas tiragens e com esse livro conseguem pontuação para mestrado, doutorado e concurso público. Às vezes a pessoa deixa de entrar por falta de pontuação.

O Estado - Tem alguma novidade para ano que vem?

Valter Jeronymo - A Life Editora em parceria com McSill Ltda London está lançando a partir de março de 2013 um selo editorial internacional chamado New Words, através deste selo os autores poderão publicar os seus livros em qualquer país da Europa. Teremos um evento aqui em Campo Grande em março, em data a definir para o lançamento do selo, e um outro evento em Londres durante a Feira de Livros de Londres.

O Estado - E as profissões dos autores?

São bem variadas, historiadores escrevem direto, professores também, mas tem policiais, caminhoneiros, donas de casa. É muito diversificado. Sem contar o pessoal de universidades, que não querem entrar na file das editoras de quase quatro anos e preferem fazer as pequenas tiragens.



Sempre aconselho os autores a fazerem os dois (livro digital e físico), porque você ganha um público novo

rando para fazer livro digital, para qualquer plataforma. Sem contar que o livro digital sai muito mais barato para produzir, não tem custo de impressão, é um trabalho só - fazer o arquivo. Eu não consigo entender como vendem